

## PRÁTICA DE LETRAMENTO EM UMA AULA DE LÍNGUA INGLESA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFRR: CONSTRUINDO O CONHECIMENTO DA LÍNGUA INGLESA

Antonio Lisboa Santos Silva Júnior<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Roraima (UFRR/UnB)  
Kléber Aparecido da Silva<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília (UnB)

### Resumo

Este trabalho apresenta como foi desenvolvida uma atividade, tomando como base as práticas de Letramentos (Rojo, 2009; Kalantzis, Cope & Pinheiro, 2015, 2020; Oliveira, 2022 etc.) com alunos do primeiro ano do Ensino Médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – Cap/UFRR, em 2022. O artigo traz reflexões de como podemos desenvolver atividades na disciplina de língua inglesa com alunos de escola pública, que possuem recursos, muitas vezes, reduzidos, sem deixar de lado as competências presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). A pesquisa aponta que os repertórios linguísticos e artísticos dos alunos que são trazidos fora do contexto escolar contribuem positivamente para a prática da língua inglesa na sala de aula e que trazem mais significados às práticas de ensino-aprendizagem por meio do desenvolvimento de um *journal*. Para isso, contou com análise de uma atividade elaborada. Conclui-se que as práticas de letramento com a atividade *journal* são positivas, pois os alunos conseguem mostrar seu repertório da língua, assim como o artístico, sentindo-se interessado em aprender mais para realizar a atividade.

**Palavras-chave:** Letramento; Ensino da língua inglesa; Formação de professores.

**Abstract:** This work presents how an activity was developed based on Literacy practices (Rojo, 2009; Kalantzis, Cope & Pinheiro, 2015, 2020; Oliveira, 2022 etc.) with first-year high school students at the Colégio de Aplicação da Federal University of Roraima – Cap/UFRR, in 2022. The article brings reflections on how we can develop activities in the English language discipline with public school students, who often have reduced resources, without leaving aside the skills present in the Common National Base Curriculum – BNCC (2018). The research shows that the linguistic and artistic repertoires of students who are brought outside the school context contribute positively to the practice of the English language in the classroom and that they bring more meaning to teaching-learning practices through the development of a journal. To do this, it involved the analysis of an elaborate activity. It is concluded that literacy practices with the journal activity are positive, as students are able to show their

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português / Inglês pela Universidade Federal de Roraima – UFRR; Especialista em ensino de língua inglesa pela Universidade Estadual do Ceará – UECE; Mestre em Letras pela UFRR; Doutorando em Linguística – UnB; e membro do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagem da Universidade de Brasília – GECAL/UnB.

<sup>2</sup> Licenciado em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Ouro Preto; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas; Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista. Realizou pós-doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem na UNICAMP, no Instituto de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina e em Linguística Aplicada na Pennsylvania State University. Coordenador do GECAL/UnB.

language repertoire, as well as their artistic repertoire, feeling interested in learning more to carry out the activity.

**Keywords:** Literacy. English language teaching. Reacher training

## 1 Introdução

Este artigo nasceu por meio de algumas vivências em sala de aula no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – Cap/UFRR e estudos sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Primeiramente, ressalte-se que ingressei no colégio supracitado em julho de 2022, e foi justamente nesse ano que os alunos estavam retornando às aulas presenciais, após o isolamento social da pandemia do Covid-19. Nessa perspectiva, não se sabia o que os discentes haviam aprendido com a professora anterior. Assim, pensamos na elaboração de um *journal* para analisar o que os alunos já conseguiam desenvolver na língua inglesa, pois sabemos que eles aprendem com a diversidade dos gêneros textuais que os cerca e a Base Nacional Comum Curricular já traz a importância desse idioma nas escolas brasileiras:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas (Brasil, p. 241, 2018).

Além da presença do idioma nas escolas, jogos, *internet* etc., os alunos roraimenses entendem que o idioma está presente na fronteira com a Guiana. A

atividade, nesse sentido, tinha o propósito de me apresentar a familiaridade dos alunos com o idioma e fazer com que o ensino se aproximasse da realidade deles. Assim, ancoramos as atividades em algumas teorias mencionadas a seguir.

## **2 Letramentos/Multiletramentos/Letramentos Múltiplos**

Segundo Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), há algum tempo, via-se o Letramento voltado às práticas da escrita, mais especificamente voltado para os aspectos da alfabetização. Entretanto, a escrita, na atualidade, não é mais apenas vista como uma mera transcrição ou reprodução do pensamento que advém das diferentes culturas em que estamos inseridos ou que pretendemos nos inserir.

Em uma sala de aula, por exemplo, não discutimos mais apenas gramática e trabalhamos as práticas de leituras focadas em erros e áudios desconexos para praticar a habilidade de compreensão auditiva, porque nossos alunos estão inseridos em diferentes formas de como a informação chega até eles, e tudo deve estar costurado para que construam conhecimentos significativos. Nas aulas com o intuito da correção, percebe-se que o professor coloca amarras nos discentes, causando problemas em fazer com que a informação seja desenvolvida nas atividades solicitadas.

Por esta razão, para que os trabalhos se desenvolvam melhor, a informação na sala deve fazer sentido, e junto com as gramáticas que ensinamos, devemos apresentar o conteúdo em uma perspectiva reflexiva acerca da sociedade na qual interagimos. Por essa razão, é imperativo que as práticas docentes estejam alinhadas também na perspectiva de letramentos.

Acreditamos que o termo letramentos e letramentos múltiplos/multiletramentos “reforçam justamente a ideia de que há diversos letramentos e variados contextos de práticas linguísticas e sociais” (Oliveira, 2022, p. 75), ademais:

[...] os letramentos ultrapassam o conceito de leitura e escrita ao ampliar essas práticas para o modo como as pessoas agem socialmente, como intencionalmente interagem por meio dos textos e como o desenvolvimento da leitura e da escrita altera a realidade social (Oliveira, p. 75, 2022).

A forma de como os sujeitos interagem pode ser um reflexo dos letramentos que ocorrem durante a sua formação social, ou seja, o letramento como cultura que se constitui de práticas sociais em que as pessoas se valem de gêneros textuais escritos para registrar suas memórias, acordos, expandir e reinventar o conhecimento em todas as dimensões históricas, científicas e sociais. Esse fenômeno ocorre em diferentes domínios sociais: universidade, escola, lar, igreja, trabalho e lazer (Sousa, p. 79, 2016).

Todavia, Bortoni-Ricardo (2004) contribui para a ideia de que os letramentos podem ser outros também que se encontram fora do convívio das instituições. Como menciona Sousa (2016), pode ser aquele percebido no desenvolvimento do sujeito dentro da rede social em que a pessoa está imersa. Esses conhecimentos contribuem, ou não, para a interação do sujeito como um ser social.

A ideia é distanciar os alunos de padrões engessados de ensino, aproximando-os aos letramentos autônomos que, segundo Kleiman (2009), dá privilégio dos conteúdos curriculares ancorando-se nos letramentos para a prática social, ou seja, partindo das experiências deles para as vivências que os currículos os guiarão.

### **3 O contexto da pesquisa**

O trabalho desenvolvido nas turmas da primeira série do Ensino Médio, do Cap/UFRR foi resultado de uma avaliação do terceiro bimestre de 2022. Os alunos tiveram de realizar um *journal*, respondendo às perguntas abaixo para demonstrar a

capacidade em utilizar a língua inglesa. A ideia era compreender o nível de interação que os discentes conseguiam desenvolver na língua estrangeira.

**Quadro 1: Perguntas da atividade**

- |  |
|--|
| <p>a) <i>Introduce yourself</i><br/> b) <i>Tell me things you like and dislike</i><br/> c) <i>Things that make you angry, sad and happy</i><br/> d) <i>Tell me good moments you had in the past</i><br/> e) <i>Tell me the most expensive thing you have bought and how you got the money</i><br/> f) <i>Show me a picture you like and tell me why</i><br/> g) <i>Tell me your dream</i><br/> h) <i>Tell me if there is any country you would like to visit</i></p> |
|--|

Esta atividade não teve como objetivo central fazer com que os alunos focassem em apenas acertar todos os aspectos gramaticais e vocabulares, pois não é esse o principal foco quando trabalhamos com os letramentos em uma prática pedagógica. Contudo, a ideia foi impulsionar os discentes a serem capazes de perpassar a informação por meio dos textos, em especial, em Língua Inglesa, fazendo relação com os fatores históricos, culturais e multiplicidade de linguagens (Cope & Kalantzis, 2015), trazendo sua experiência de mundo.

Vejamos agora as razões por trás dos tópicos que selecionamos para explorar o domínio do idioma pelos alunos:

**Quadro 2: razões por trás da atividade**

Tópico	Razões
<b>A</b>	Promover uma abertura do aluno com o professor, bem como promover o uso de um vocabulário e gramática mais básica, que eles haviam estudado, para que se sentissem seguros em utilizar o idioma. Foi uma forma de aquecer língua que utilizei.
<b>B</b>	Explorar os vocabulários que os alunos já conheciam, uma forma de revisão da estrutura <i>Like to</i> e <i>don't like to</i> . Além disso, foi uma forma de prepará-los para adentrar no conteúdo que estudamos.
<b>C</b>	Fazer com que os alunos focassem em atividades que mexiam com seus sentimentos de raiva, fome e felicidade. Além de termos estudado o verbo "get + feeling": <i>I get angry when... I get happy when... I get hungry when...</i>
<b>D</b>	Conduzir os discentes a produzirem um texto utilizando o <i>past simple</i> .
<b>E</b>	Aqui os alunos tiveram de utilizar o <i>past simple</i> junto com a forma superlativa dos adjetivos

<b>F</b>	Promover uma interpretação por meio de uma imagem.
<b>G</b>	Questão para utilizar o futuro com o auxiliar <i>will/won't</i> .
<b>H</b>	Uma questão voltada aos vocabulários de países e continentes.

#### 4 O desenvolvimento das atividades

As atividades foram apresentadas em dois formatos pela turma (manual ou em hipertexto), embora não tenhamos decidido em qual formato/forma deveria ser escrito os textos. A maioria dos alunos preferiram ser criativos e fizeram de forma manual (*handcrafted*), utilizando diversos materiais para a construção do *journal*, outros poucos realizaram digitalmente, utilizando o Canvas ou o próprio *powerpoint*.

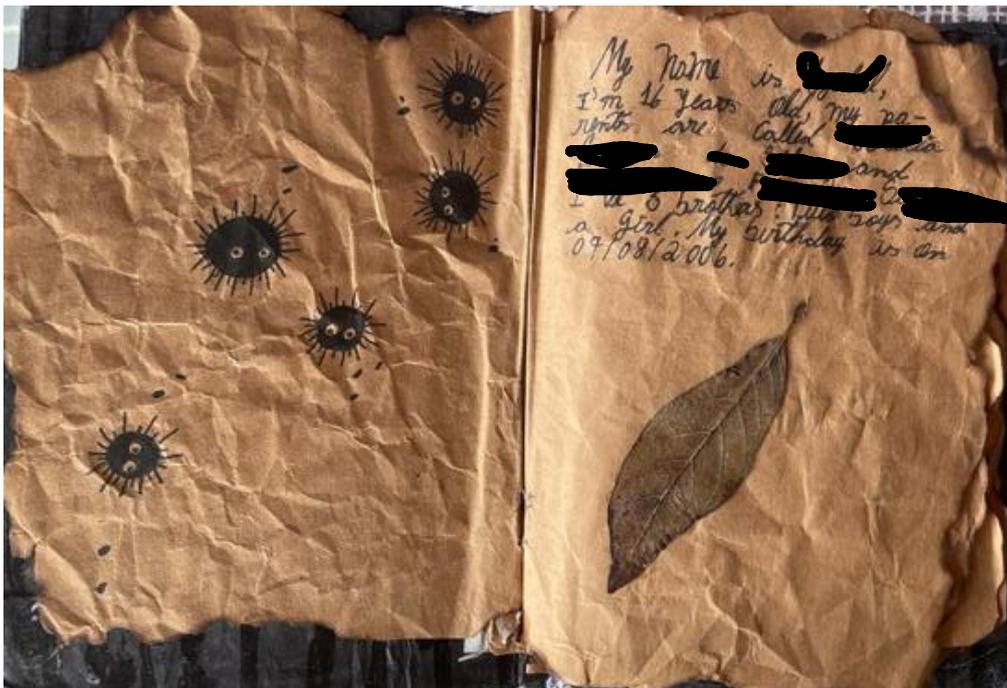
Devido ao quantitativo de 50 atividades que poderiam servir de análise e serem trazidas aqui para o artigo, decidimos apresentar apenas de uma aluna para esta pesquisa, pois a pesquisa se tornaria muito extensa.

As informações pessoais foram riscadas para resguardar a identidade da aluna. Ela aluna optou em produzir um caderno com folhas de papel manteiga amassadas, com as bordas queimadas, escrita com tinta preta, e alguns materiais orgânicos colados, dando um toque ao estilo bruxaria, lembrando um pouco os jornais dos filmes de bruxos que ela gosta, como o Harry Potter.

O filme, por si só, apresenta os jornais dos bruxos com movimentos, imagens em movimentos e escritas que surgiam ao abrir o jornal. Talvez os materiais orgânicos sirvam para dar esse movimento apresentado no filme.

Seguimos analisando as demais páginas do material:

#### **Imagem 1: primeira parte da atividade da discente**

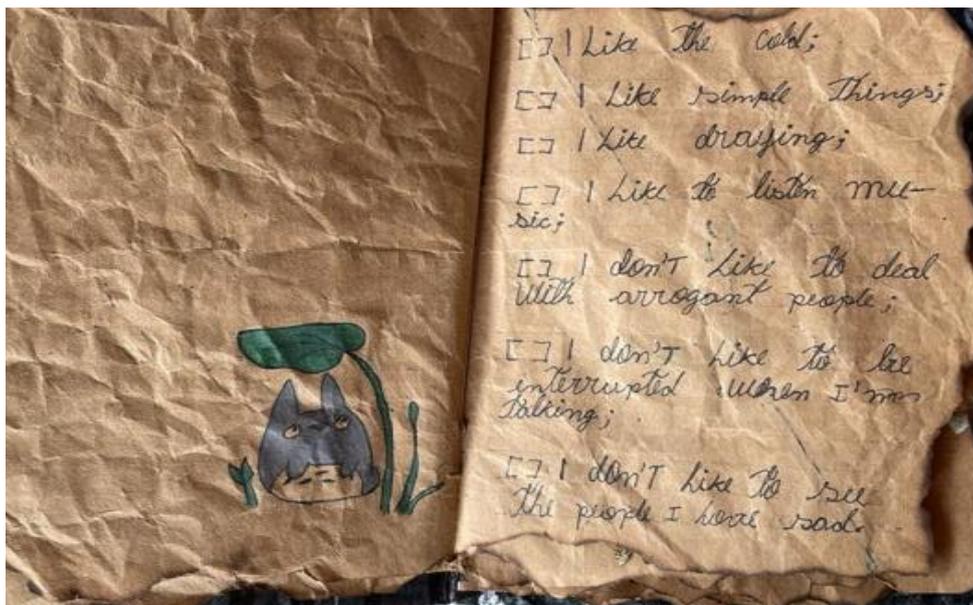


Lembrando que o desenvolvimento da criatividade deve ser aplicada em sala de aula segundo a BNCC: “Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade” (BRASIL, p. 496, 2018), ademais, buscando o repertório de vida dos alunos conseguimos trabalhar com a interdisciplinaridade, como a disciplina de artes, por exemplo.

Na próxima imagem, a aluna apresenta informações que ela gosta e não gosta, ancorando-se na perspectiva da BNCC:

No Ensino Médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos socioculturais diversos (BRASIL, p. 481, 2018).

**Imagem 2: segunda parte da atividade da discente**



Vejam que o material influenciou para que a aluna realizasse sua atividade de maneira criativa, trazendo um letramento artístico que não foi aprendido nas aulas de língua inglesa, mas de tipos de filmes que ela gosta de assistir.

Em conversa com a professora da disciplina de artes, verifiquei se a professora havia passado alguma atividade similar, a fim de analisar se estava ocorrendo algum tipo de interdisciplinaridade, porém, a professora disse que não, mas afirmou que já havia trabalhado com materiais orgânicos em outro momento com as turmas. Logo, conclui que essa experiência era, de fato, dada por elementos extraescolares.

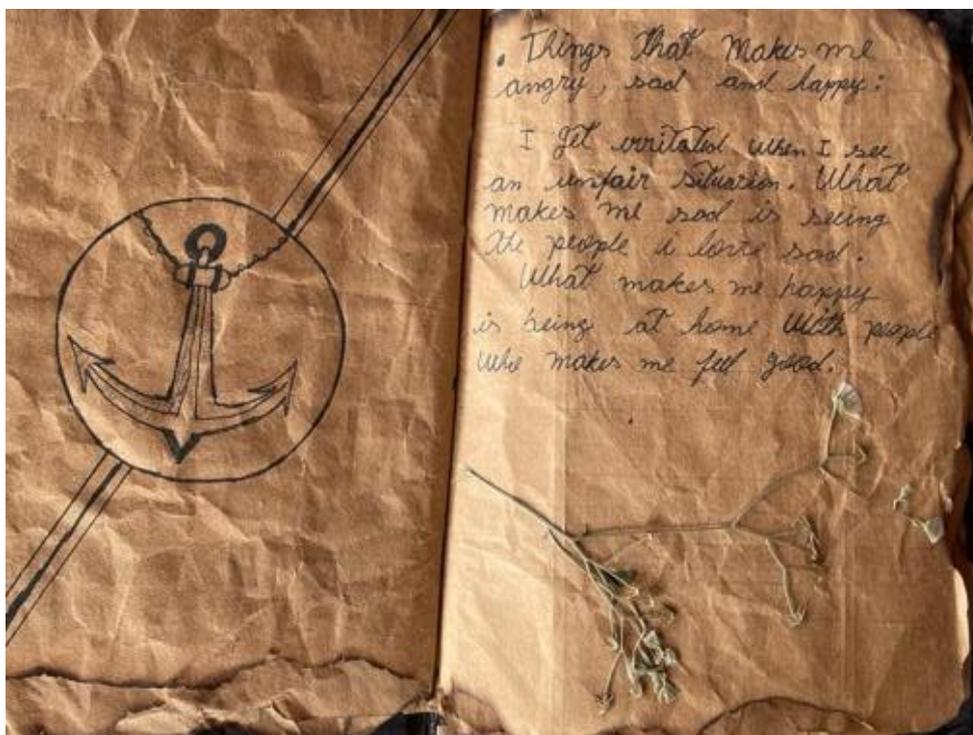
A aprendizagem da aluna se deu por meio das experiências pessoais dela nas diferentes esferas sociais. Dessa forma, percebem-se as formas do experienciar o conhecido e experienciar o novo (Cope; Kalantzis, 2015). O experienciar o conhecido ocorre tendo como base os recursos de aprendizagem do “cotidiano familiar, conhecimento prévio, histórico da comunidade, interesses e perspectivas pessoais e motivação individual” (Cope; Kalantzis, 2015, p. 18). Por sua vez, no experienciar o novo, os alunos desenvolvem seus conhecimentos pelo contato com novas informações,

experiências, leituras de textos nas diversas modalidades, partindo do que se sabe para os novos saberes.

Continuando a análise do trabalho da aluna, no aspecto gramatical, embora não tenha sido o foco, verificaram-se poucos problemas com o uso da gramática na língua, todavia os erros como *situasion*, *I've* e *i* (o pronome “eu” em inglês escrito no minúsculo – que não prevaleceu na maioria do corpo do texto); conjugação verbal, como em *things that makes me* (na imagem abaixo) foram discutidos em outro momento, apenas como informe, mas não houve desconto de pontuação, pois o foco na correção não é considerado nessa prática de letramento.

O momento de correção gramatical dos textos serviu para a revisão da prova multidisciplinar que ocorre no Cap/UFRR no final de cada ano letivo. Continuamos as observados da atividade de aluna.

**Imagem 3: terceira parte da atividade da discente**



Considerando as sugestões da BNCC, a atividade cumpre com as proposições atribuídas pelo documento, como apresento na tabela após as apresentações da imagens.

Veremos as demais partes do trabalho com algumas observações. Nesse sentido, as competências gerais da Educação Básica constantes na Base Curricular apresentam-se a seguir:

**Imagem 4: quarta parte da atividade da discente**



Os materiais utilizados por esta aluna são também imperativos para conscientizar a sociedade a importância da reciclagem. Percebam que ficou divertido e atrativo para os interlocutores em verificar o trabalho feito por ela, chamado, em inglês, de *handcrafted work*.

**Imagem 5: quinta parte da atividade da discente**

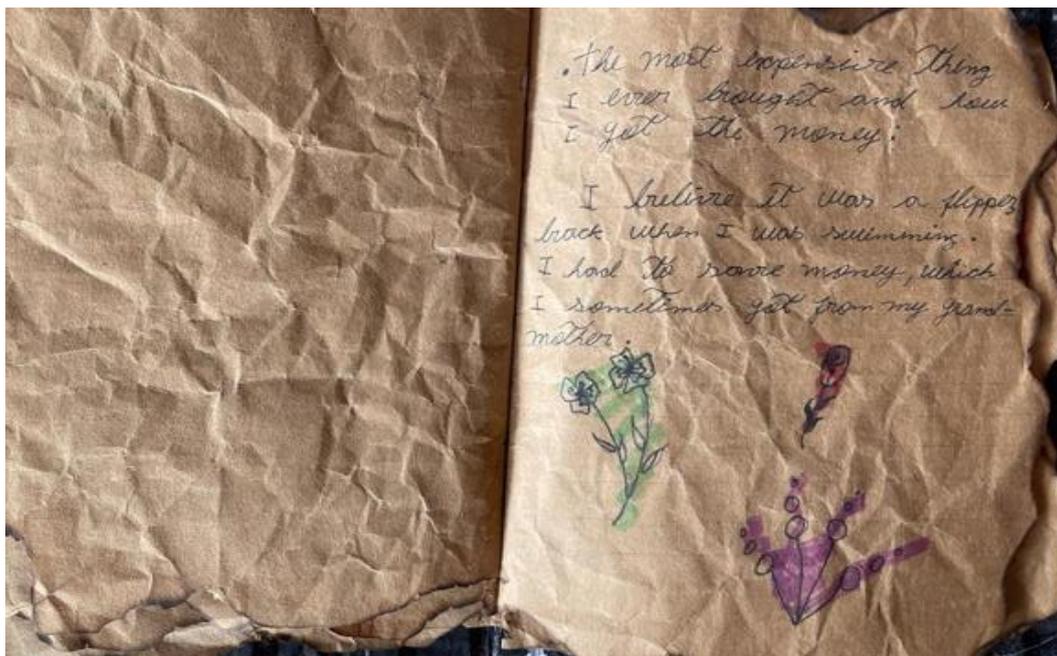
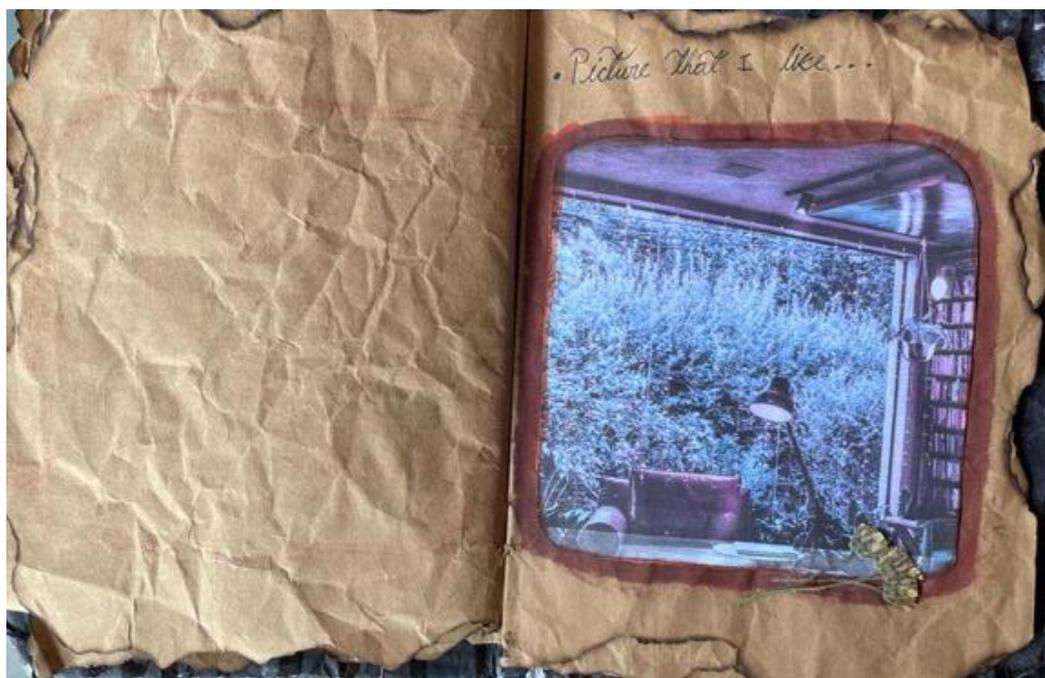


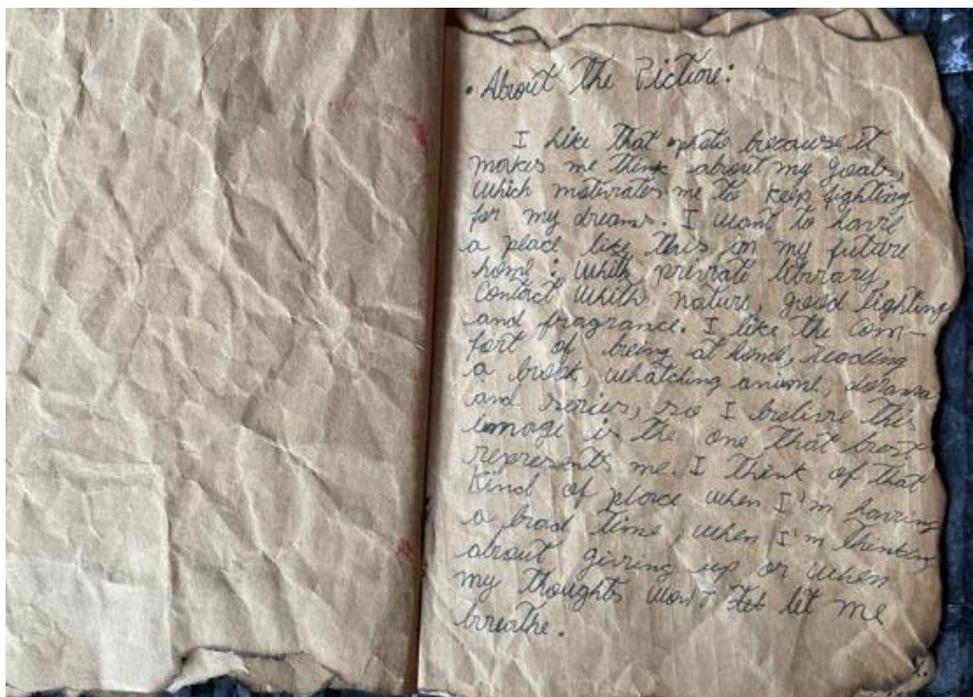
Imagem 6: sexta parte da atividade da discente



No dia da exposição, esta aluna recebeu muitos elogios, não apenas por ter realizado sua atividade, mas pela forma de como a realizou. Ela não acreditava que seria visto por sua habilidade, e toda essa comoção a deixou muito contente e estimulada em

realizar outras tarefas que pudessem explorar de sua criatividade no idioma e em outras disciplinas.

**Imagem7: sétima parte da atividade da discente**



Algo também observado foi o uso de vocabulários e estruturas gramaticais que não foram trabalhadas na sala de aula, contudo, a aluna decidiu trazer isso para o seu trabalho. Talvez tenha ocorrido algum estímulo para que a discente concluísse sua atividade da melhor forma possível, por isso, ocorreu esse resgate de seu repertório linguístico.

Considereei importante nomear este momento de repertório linguístico estimulado pelo repertório artístico.

Para finalizar, veremos as duas últimas folhas de atividade e a relação das atividades com as habilidades a serem desenvolvidas com os alunos segundo a na BNCC.

Imagem 8: oitava parte da atividade da discente

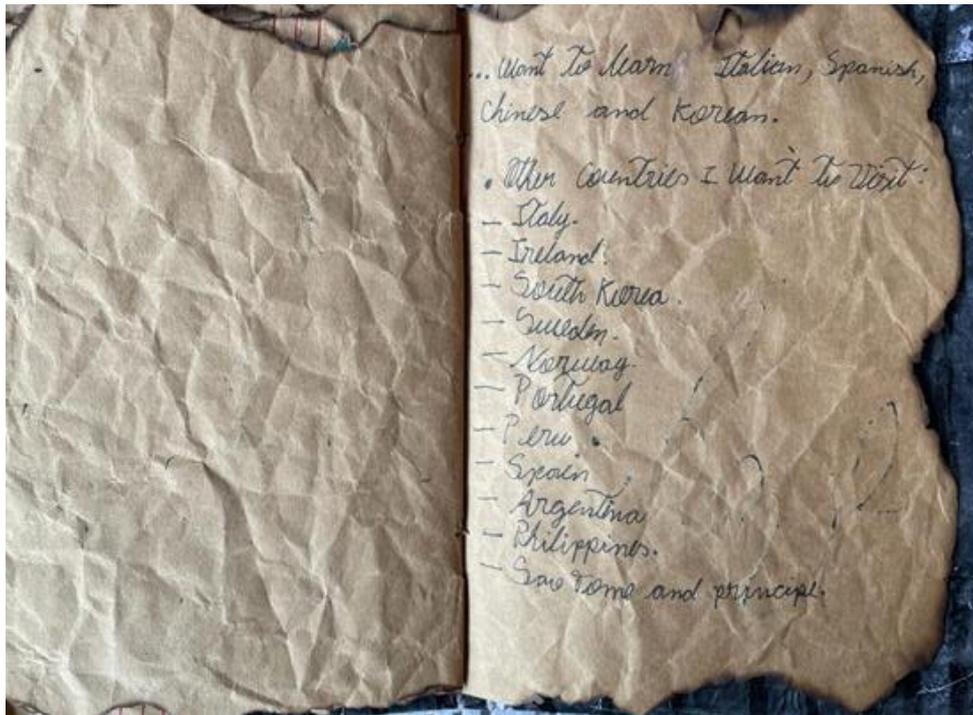
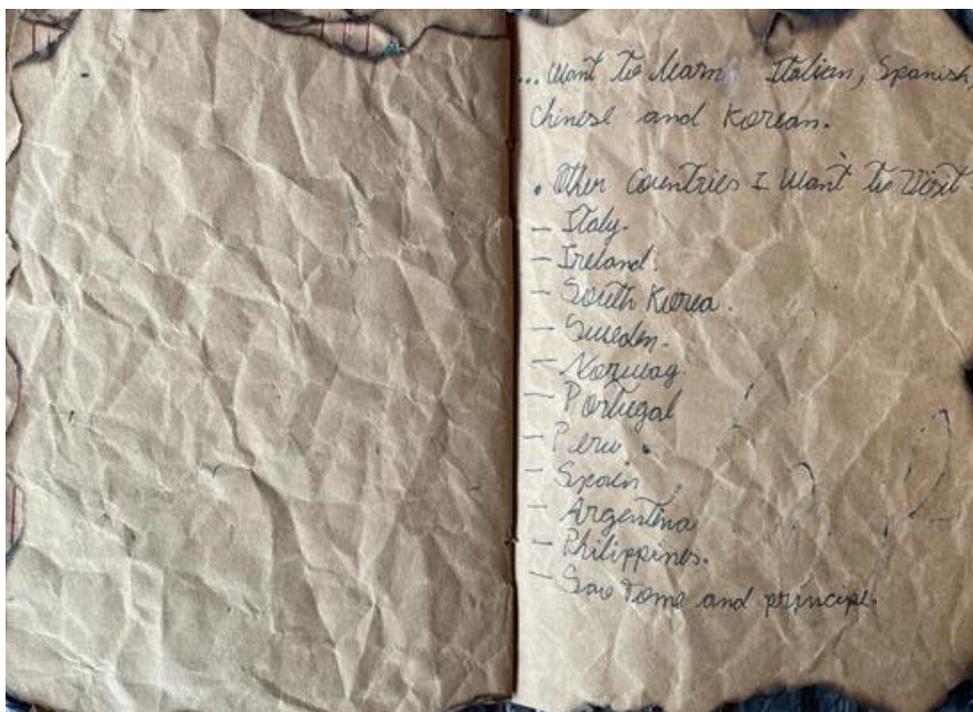


Imagem 9: nona parte da atividade da discente



Vejam os a relação das habilidades trabalhadas pela aluna com as proposições da BNCC (2017, p. 9):

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo - se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo - se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Por fim, ressalto Costa, Faria, Nunes e Silva (2021), os autores dizem que “lembramos que os multiletramentos contemplados em sala de aula só obterão sucesso, se o processo formativo e o engajamento dos letradores for entendido como um processo contínuo. Ou seja, esta atividade não finalizou por aqui. No final das correções, cada aluno leu o texto um do outro para que pudesse conhecer um ao outro.

Outrossim, discutimos sobre reciclagem, desenvolvimento das habilidades artísticas e consideramos a importância em utilizar a própria língua inglesa para desenvolver as competências no próprio idioma.

### **Considerações finais**

Até que ponto o conhecimento e práticas da escola pública se diferenciam das práticas hegemônicas da sociedade? (Melo, 2016, p. 765).

Acredito que tudo exposto aqui não se resume nos tipos de letramentos como prática social de forma integral, mas acredito que este artigo é capaz de provocar reflexões nos leitores, em especial, aos professores da Educação Básica que trabalham em escolas públicas, que, muitas das vezes, sentem-se presos aos livros didáticos que não correspondem à realidade dos alunos e que não possuem recursos tecnológicos para realizar atividades fora do quadro branco e pincel/giz.

Explorar os conhecimentos dos alunos e utilizar isso como prática de letramento é demasiado importante. Primeiramente, esta atividade desenvolve a criatividade dos alunos, em seguida, enaltece o conhecimento de letramento que o discente já possui, desenvolvido em outros momentos que, em alguns casos, não se desenvolvem dentro de instituições as quais acabam por controlar o ambiente devido ao poder social existente nele, promovendo, dessa forma, uma certa interação planejada (Bortoni-Ricardo, 2004), que pode atrapalhar no desenvolvimento da habilidade escrita no idioma estrangeiro.

Por derradeiro, destaca-se Freire (1992;1997), responsável por ensinar todos os profissionais da educação que devemos partir do conhecimento que nossos alunos já sabem para, assim, promover um conhecimento novo.

Paulo Freire trabalha nesse contínuo desde a década de 70, e seus ensinamentos permanecem e permanecerão sempre emancipando, letrando, atribuindo amor,

construindo uma boa relação nos espaços educacionais de nossos professores e alunos, que permanecem aprendendo um com um outro, afinal, o conhecimento nunca é acabado/finalizado.

## Referências

COSTA, Michele Campêlo; FARIA, Helenice Roque da; NUNES, Rosana Helena; SILVA, Kléber Aparecido da. **A base nacional comum curricular (BNCC) de língua portuguesa e a criticidade na práxis pedagógica: do(s) letramento(s) críticos aos multiletramentos**. Caletrocópio. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Volume 9, 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, **Base Nacional Curricular Comum**: versão final. Brasília, 2017: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 maio de 2023.

COPE, Bill, KALANTZIS, Mary. The things you do to know: an introduction to the pedagogy of multiliteracies. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Org.). **A pedagogy of multiliteracies: learning by design**. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 1-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KALANTZIS, Mary, COPE, Bill, PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

MELO, S. H. D. de. **Educação pública e escola: uma leitura austiniana**. DELTA, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 749-766, dez. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-445061330334822745>. Acesso em: 15 maio. 2023.

OLIVEIRA, Silva Naara da Silva Pinto de. **Autoetnografia de mulheres da licenciatura em educação do campo FUB/UnB: letramentos, resistência e inclusão**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística – UnB, Brasília – DF, 2022.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOUSA, Rosineide Magalhaes de. Letramentos na licenciatura em educação do campo: transitando no contexto acadêmico. In: ARAÚJO, J. (org.) **Gêneros e letramentos em múltiplas esferas de atividade**. Campinas: Pontes Editores, 2016.